

HUMANIZAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL: ARQUITETURA COMO AGENTE DE CURA – “RESIDÊNCIAS TERAPEUTICAS”

HUMANIZATION SOCIAL INTEGRATION: ARCHITECTURE AS NA AGENT OF HEALING – “THERAPEUTIC RESIDENCES”

¹ABEL LUIZ, Carolina Natália; ²ALBANO, Nelbe.

¹ Discente Curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

² Docente Curso de Arquitetura e Urbanismo – Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM

RESUMO

Os Serviços de Assistência à saúde mental se deparam dia a dia com a árdua tarefa de adequar aos princípios da Reforma Psiquiátrica, fastígio de um longo processo de revisão das formas de tratamento de pessoas acometidas de transtorno mental. A reforma psiquiátrica propõe então a desinstitucionalização e (re)inserção dos pacientes e da humanização dos tratamentos, através da adoção de uma “política” progressiva, de modelos substitutivos aos manicômios e seus métodos de alienação e exclusão social. Hoje é possível constatar iniciativas de remodelar a Arquitetura dessas instituições psiquiátricas, subtraindo-a de suas características manicomial e dotando-a como referência as “Residências Terapêuticas”, de modo a colaborar no processo de (re)inserção de seus usuários na sociedade. Este trabalho apresenta um breve histórico da trajetória psiquiátrica, relata também o surgimento e a evolução dos espaços da loucura e da saúde mental. Parâmetros necessários para que se possa entender, e compreender todo o descaso da sociedade em se tratando da loucura, do louco. Muitos preconceitos ainda persistem, e muitas conquistas ainda se fazem necessárias para que o País garanta os legítimos direitos civis e humanos às pessoas acometidas de transtorno mental.

Palavras-chave: Serviço residencial terapêutico em saúde mental, Saúde Mental, Hospital psiquiátrico.

ABSTRACT

Services mental health care are faced daily with the arduous task of adapting the principles of psychiatric reform, meridian of a long process of reviewing the forms of treating people with a mental illness. The reform proposes psychiatric deinstitutionalization and then (re) integration of patients and the humanization of treatment, through the adoption of a "political" progressive replacement of models to asylums and their methods of alienation and social exclusion. The architecture of these psychiatric institutions, today it is possible to see initiatives to remodel it, subtracting it from the asylum and their characteristics providing it with reference to the "Therapeutic Residences" in order to collaborate in the process of (re) integration of their users in society. This paper presents a brief history of psychiatric history, also reports the development and progression of spaces of madness and mental health. Parameters needed to be able to understand and comprehend the entire neglect of society when it comes to madness, crazy. Many prejudices still persist, and many achievements are still needed for the country to ensure the legitimate civil and human rights for people with a mental illness.

Keywords: Residential treatment service for mental health, Mental Health, Psychiatric Hospital.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo, os portadores de doenças mentais foram considerados alienados. Eram vistos como pessoas que viviam fora da realidade, sem capacidade para entender ou exercer seus direitos. Hoje, essa história já mudou bastante e a luta diária é para que os usuários de serviços de Saúde Mental possam ter um tratamento diferenciado e para

que a sociedade os respeite como seres humanos comuns, mesmo com capacidades restritas e algumas limitações. Apesar dos avanços do modelo assistencial e da humanização do atendimento, a história mostra que as atitudes em relação aos portadores de transtornos mentais nem sempre foram as mais adequadas.

Na Grécia Antiga, acreditavam que os loucos possuíam poderes divinos. Na Idade Média, eram associados ao demônio e vistos como entes possuídos e, por isso, passavam seus dias acorrentados e expostos ao frio e à fome ou, em casos extremos, queimados em fogueiras como hereges.

Esse tipo de tratamento se estendeu até o século XVIII. Nessa época, ainda não falava-se em doença mental e, como sempre, o desleixo com as pessoas acometidas de transtornos mentais persistia. Todos que apresentavam um comportamento diferente, sobretudo quando agitados e agressivos, eram considerados loucos. A sociedade, preocupada apenas com a sua segurança, permanecia com a mesma conduta: jogava os loucos em prisões e eles lá ficavam ao lado de outros excluídos à espera da morte.¹

Surgem então os asilos manicomiais. Os asilos manicomiais surgiram durante o Renascimento e o Iluminismo, com o objetivo de proteger e dar abrigo aos doentes mentais, mas acabaram por segregá-los ainda mais do que os sintomas que os conduziram até lá.²

Mediante os fatores de extremo descaso, atos desumanos para com essas pessoas, é a partir desse contexto que surge a questão da reforma psiquiátrica no Brasil, este movimento tinha como bandeira a luta pelos direitos dos pacientes psiquiátricos em nosso país. O que implicava na superação do modelo anterior, o qual não mais satisfazia a sociedade.

Atualmente entendemos por Reforma Psiquiátrica como uma mudança democratizante em seus processos e resultados, mediante a esta tendência novos desafios foram traçados, um processo de reformulação radical na sua assistência aos portadores acometidos de transtorno mental. O que tem refletido nos espaços físicos das instituições, revolucionando uma cultura secular manicomial.

¹ MINISTÉRIO DA SAÚDE, CCS, 2004, p.07

² MINISTÉRIO DA SAÚDE, CCS, 2004, p.18

Em se tratando da “promoção da saúde”, a Arquitetura tem o seu reconhecimento cada vez mais explícito em todas as instâncias. Encontra-se hoje uma crescente valorização nos processos de planejamento em saúde pública, devido ao estudo do espaço arquitetônico como fator capaz de propiciar o bem-estar físico e emocional a seus usuários.

O conceito de humanização, presente em várias áreas, tem sido amplamente exposto e aplicado nos projetos recentes em arquitetura da saúde, e representa um desenvolvimento de um novo enfoque em saúde, centrado no usuário, que passa a ser entendido de forma holística, e não mais como um conjunto de sintomas e patologias a serem estudadas pelas especialidades médicas.³

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida, principalmente, a partir de revisão da literatura. Teve como perspectiva refletir sobre a desospitalização, o que tem levado à busca de alternativas menos custosas e mais humanas para o cuidado de pessoas que estão internadas há anos em hospitais psiquiátricos por não contarem com suporte adequado na comunidade, além de servir de apoio a usuários que não contem suporte familiar e social suficientes para garantir espaço adequado de moradia. Surge então as Residências Terapêuticas que têm sido adotadas como um modelo arquitetônico que retira o estigma do tratamento e impessoalidade dos pouco acolhedores equipamentos de saúde tradicionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, o Hospital Psiquiátrico que segue em pleno funcionamento encontra-se em uma lastimável situação. Suas condições físicas são as piores possíveis, hoje poderia dizer o Hospital tornou-se um local sombrio, sem vida. São fatores como estes que não contribuem ao tratamento de seus pacientes, que não permitem com que essas pessoas possam ter uma vida “normal”, ou seja, DIGNA.

³ FONTES, Maria P. Zambrano. IMAGENS DA ARQUITETURA DA SAÚDE MENTAL, 2003, p.2

*“Quando o espaço físico comportar os sentimentos.
Quando o espaço físico comportar a luz.
Quando o espaço físico comportar o HUMANO.
Quando o espaço físico puder acolher a dor.
Quando o espaço físico for capaz de transformar
e ser transformado, permitir o fluxo de vida.”*

(Terapeuta Ocupacional Nise da Silveira)

Sim, a Arquitetura como agente de cura!!! As Residências Terapêuticas constitui-se em um exemplo de como é possível a humanização do tratamento, aumentando a “qualidade de vida” e os resultados de promoção da saúde. O processo de reabilitação psicossocial deve buscar de modo especial a inserção do usuário na rede de serviços, organizações e relações sociais da comunidade. Ou seja, a inserção em um SRT é o início de longo processo de reabilitação que deverá buscar a progressiva inclusão social do morador.

CONCLUSÃO

Diante do constatado na literatura, a proposta de concepção das Residências Terapêuticas em Ourinhos, representa uma medida de grande valor frente ao objetivo de proporcionar um lar adequado a essas pessoas acometidas de transtorno mental, propiciando-lhes instalações dignas que melhorarão sua qualidade de vida. De forma a resgatar detalhes do nosso cotidiano: a alegria de, enfim, ter um quarto privativo, os pertences à mão, uma cozinha para o ansiado café preto, a possibilidade de escolher com quem dividir o espaço, escolher a hora do banho e de levantar da cama, entre outras coisas. Lembrando que as Residências Terapêuticas não se tratam de instalações médicas, mas sim de espaços de convivência. A arquitetura tem papel decisivo na criação destes espaços, constituindo-se em suporte físico para a inserção de seus moradores à vida em sociedade.

REFERÊNCIAS

BICHO de Sete Cabeças. Direção: Laís Bodanzky. Produção: Buriti Filmes, Dezenove Som e Imagens Produções Ltda., Gullane Filmes. Roteiro: Luiz

Bolognesi. Intérpretes: Rodrigo Santoro, Othon Bastos, Cássia Kiss e outros.

BRASIL. Ministério da Saúde. Legislação em Saúde Mental. Brasília: Ministério da Saúde, 2001

FONTES, Maria Paula Zambrano. IMAGENS DA ARQUITETURA DA SAÚDE MENTAL: Um Estudo sobre a Requalificação dos Espaços da Casa do Sol, Instituto Municipal de Assistência à Saúde Nise da Silveira (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: FAU / UFRL, 2003.

AMARANTE, Paulo. (org.). Loucos pela Vida: a Trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2° ed., 1998.

FOUCAULT, Michel. História da Loucura na Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1983.

NOGUEIRA, Maribel A. Mendes. SAÚDE MENTAL E ARQUITETURA - ESPAÇO E AMBIENTE NO PROCESSO TERAPÊUTICO , 1° ed. 2005.

SANTOS, Mauro. SAÚDE E ARQUITETURA – CAMINHOS PARA HUMANIZAÇÃO DOS AMBIENTES HOSPITALARES, 1° ed. 2004.